



AS HABILIDADES ORAIS DO INGLÊS ATRAVÉS DA EJA

Paulo Sóstenes Silva Nascimento

Joice Pereira Belém

Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior

¹*Universidade Estadual da Paraíba, email; paulofrantaine@gmail.com:*

²*Universidade Estadual da Paraíba, email; joice.pereira777@gmail.com*

³*Universidade Estadual da Paraíba, email; leonidas.silvajr@gmail.com*

Resumo: Os processos de oralidade que envolve uma língua estrangeira aos quais caracterizam-se pela fala: *speaking* e a escuta, *listening*, possibilitam a sociedade uma interação que ultrapassa o aspecto individual e se inserem ao âmbito coletivo, estabelecendo vínculos sociais tornando-se um fenômeno global. Para que esse meio funcione, é necessário existir a plena compressão do que está sendo falado em uma língua através da escuta. Tendo aqui o foco a língua inglesa observamos que estes caminhos ainda estão ausentes no ensino; e quando falamos de inglês na Educação de Jovens e Adultos existem dificuldades ligadas a oralidade, pois o ensino tradicional presente prioriza as práticas relacionadas a escrita, concentrando o foco do domínio gramatical da língua, ignorando sua prática e utilização oral diária. Nosso objetivo é despertar a necessidade de uma maior compreensão do ensino da língua inglesa pela dinâmica da fala e escuta como um facilitador da interação social e troca de experiências socioculturais, para construir o papel do aluno da EJA como cidadão. Como método, realizamos uma intervenção em uma escola localizada na cidade de Guarabira, usando o auxílio de diálogos cotidianos que resultaram em mais interesse no inglês, confiança, comunicação, dinamismo e um entendimento maior do aluno relacionado ao benefício de uma língua estrangeira, além da sala de aula, para a vida.

Palavras-chave: Habilidades orais, Educação de Jovens e Adultos, Ensino de Inglês.



INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência descreveremos como ocorreram as práticas das habilidades orais na sala de aula especificamente na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Este trabalho foi possível graças ao empenho de toda equipe pedagógica e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Todo esforço, teve como objetivo trazer uma forma mais dinâmica de compreender a língua inglesa através da prática oral e flexível, utilizada no cotidiano ao qual é caracterizada pela fala.

Antes de iniciarmos a descrição é de grande importância destacar todo o trabalho realizado pelo professor pesquisador. Nós como alunos relatamos experiências que de uma certa forma, tem um caráter de pesquisa quando apresenta uma observação, coleta de dados, intervenção e resultados. Assim estamos relatando e ao mesmo tempo iniciando este processo científico da pesquisa, mesmo que de forma simples. Para Garcia (2007), o professor como pesquisador será aquele que inicia seu trabalho, pelas questões relacionadas a sua prática com o objetivo de aprimorá-la. A nossa prática e realidade portanto concentra-se na modalidade EJA.

Esta modalidade possui algumas peculiaridades que a diferenciam das outras. Nesta temos alunos que não concluíram seus estudos devido a diversos fatores. Ela é representada por jovens e adultos que precisam retomar seus estudos e até mesmo aprender a ler. Além dessas dificuldades, observamos o cansaço, a ausência de incentivo, a evasão escolar e a carência profissional de educadores aptos a investirem nas necessidades pedagógicas de cada aluno.

Porém, quando este alunado é motivado; a assiduidade, o desejo pelo conhecimento, o desenvolvimento das capacidades e a própria visão de si mesmo como um ser capaz de aprender algo novo, mesmo diante de uma realidade oclusa, motiva relatos como este.

A língua inglesa presente em todo o nosso cotidiano, ainda é um objeto que precisa ser mais aprofundado pelo aluno da EJA. Este discente busca de alguma forma superar suas habilidades e quando falamos de inglês, ele precisa ser inserido nesse novo contexto; sendo a língua inglesa uma língua estrangeira, o domínio desta língua pode representar uma grande barreira para esses alunos ao se depararem na sala, por exemplo, com uma linguagem não materna.

Para intervir nessas dificuldades, as habilidades orais se apresentam; ouvir e escutar (*listening e speaking*) como um estágio, um passo inicial para os alunos dessa modalidade. Um recém-nascido, que ainda não teve o contato com a língua, ouvirá todos os estímulos

externos, todas as palavras e sons ao seu redor, com o passar do tempo, ele começará a produzir sons resultando assim em palavras, frases e depois na comunicação oral. Da mesma forma decidimos aplicar processos semelhantes na sala de aula.

O nosso objetivo neste relato é demonstrar que os processos orais além de fazerem parte do cotidiano comunicacional, podem ser uma ferramenta fundamental para a inserção do inglês na EJA.

Quando adquirimos uma língua não aprendemos unicamente como compor e compreender frases corretas como unidades linguísticas isoladas de uso ocasional; aprendemos também como usar apropriadamente as frases com a finalidade de conseguir um efeito comunicativo. Nós não somos simplesmente gramáticas ambulantes (WIDDOWSON, 1991, p. 14).

Ou seja, não sendo gramáticas ambulantes, as questões da fala e escuta tornam-se ainda mais importantes. Devemos dar uma ênfase maior a comunicação oral pois ela inicia a base da linguagem, e estas habilidades são necessárias aos alunos da EJA, que ao sentirem-se “falantes” sua confiança e compromisso com a aprendizagem aumenta significativamente.

Atualmente estas habilidades estão sendo inseridas cada vez mais nas salas de aula, seja através da música, de jogos, filmes, vídeos, que focam as características orais da língua inglesa despertando um vínculo mais próximo a língua do que as tentativas iniciais de um sistema rígido, gramatical metodológico, ou a utilização de textos sem perceber o dinamismo da língua estrangeira através da fala e escuta. Consolo (2002) sugere a investigação das necessidades reais do professor de Língua Estrangeira, para que ele possa ser melhor capacitado para saber como lidar com a oralidade de uma maneira mais satisfatória.

Neste estudo, que possui um caráter investigativo, foi executável poder debater e refletir sobre as habilidades orais no ensino de inglês na EJA, e da mesma forma compreender as dificuldades que o aluno dessa modalidade enfrenta ao se deparar com uma língua estrangeira.

Entendemos também que muitos alunos por não sentirem-se confortáveis em falar, preferiam permanecer em silêncio ouvindo devido a vários motivos como o sentimento de errar; para eles o erro seria algo inadmissível, mesmo assim ouvindo e tendo o contado com a língua eles ainda desenvolviam a *listening* que é uma das habilidades orais.

Acreditamos que a língua inglesa, assim como o português, é uma língua viva, dinâmica expressiva, social, cultural, que não está enclausurada nas páginas de livros e textos,



CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE
LETRAMENTOS E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

mas disponível ao aluno da EJA. Nossa meta é despertá-lo para utilização dessas habilidades dentro e fora da sala de aula.



METODOLOGIA

Este artigo consiste em um relato de experiência e a natureza desta pesquisa é exploratória ao qual envolve uma certa familiaridade com o problema, e utiliza-se do levantamento bibliográfico (GIL,2008). O alvo neste relato foi uma escola Estadual da Paraíba localizada na cidade de Guarabira, que possui a modalidade EJA com a disciplina de inglês e a oportunidade de aplicar as habilidades orais da língua inglesa através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

O turno escolhido deste trabalho realizado foi a noite. E os dias foram apenas nas Segundas-feiras. A sala de aula possuía uma média de alunos entre 35(trinta e cinco) a 40 (quarenta) alunos. Os assuntos abordados foram: Greetings, diálogos simples, vocabulário, pronomes pessoais e sentimentos. Para que as habilidades orais fossem trabalhadas, as pronúncias e a escuta foram enfatizadas. Houve também a inserção de vocabulários novos utilizados no cotidiano, até serem inseridas as regras gramaticais.

Utilizamos como método as habilidades orais, *Speaking e Listening* originadas com as ideias de Richards e Rodgers que inspirados pelo método direto que transformaram em uma nova abordagem com o fim de desenvolver habilidades orais, com o foco comunicativo, nas décadas de 1920 e 1930 (OLIVEIRA,1964).

RESULTADOS E DISCURSÃO

O relato supracitado tem por base a comunicação no desenvolvimento das habilidades orais. Quando iniciamos na sala de aula, nosso objetivo era demonstrar um diálogo entre duas pessoas. Escrevemos no quadro, lemos para eles, e depois pedimos para que todos repetissem, para que o *speaking* e o *listening* fossem treinados e desenvolvidos através desse exemplo inicial.

Para que uma conversação aconteça entendemos que a nossa fala possui determinadas estruturas que são caracterizadas por pequenas frases, conhecidas como as saudações. Assim podemos observar alguns destes modelos com os exemplos citados abaixo:

EXEMPLO 1

HI, HELLO!	WHAT'S YOUR NAME?
HELLO	ARE YOU FINE?
WHAT'S UP?	GOOD EVENING!
HOW ARE YOU?	ARE YOU OK?

Estas frases representam diálogos simples que são utilizados para saudações e para despertar na outra pessoa respostas que poderão dizer seus estados emocionais.

Percebemos aqui, qual era o estado emocional dos alunos EJA. Muitos respondiam que estavam felizes, outros cansados, doentes; esta análise iniciava uma espécie de ambiente mais familiar, favorecendo para que a fala acontecesse de forma natural. Para essas perguntas também mostramos as respostas que poderiam ser dadas.

EXEMPLO 2

I AM HAPPY	MY NAME IS...
I AM FINE	I AM SICK
I AM OK	GOOD EVENING!
YOU ARE GREAT	I AM TIRED

Com essas e outras respostas apresentadas no quadro, o aluno da EJA observava as estruturas das frases e seu significado, pois dizíamos a tradução e depois a repetição através das

habilidades orais. Permitimos que essas estruturas fossem copiadas para que eles pudessem fala-las entre eles.

Nesse momento começaram a surgir, muitas pessoas que tentavam reproduzir aquelas frases naturalmente sem precisar que fosse novamente repetido a pronuncia. Assim como um recém-nascido que aprende a falar, alguns erros eram cometidos por eles em seu domínio oral da língua, mas esses ajustes eram feitos quando nós pronunciávamos perto dessas jovens e adultos que buscavam ajustar os sons e até mesmo a entonação da palavra, utilizavam sem perceber as habilidades orais, a fala, e a escuta nesses processos.

Para que esse processo de comunicação que acontecem pelo falar e ouvir torne-se ainda mais fluido, certamente fez-se necessário o acréscimo de mais vocabulário, e este vocabulário acrescentado estava relacionado a verbos utilizados no dia a dia. Depois desse momento de inserção de palavras formávamos novas frases que eram rapidamente adicionadas as falas dos alunos da EJA. Então dividimos toda a sala em pares para facilitar a troca de experiências para desenvolver ainda mais benefícios através das habilidades orais. Formamos outros diálogos com as palavras novas que compunham perguntas e respostas, assim eles tinham uma base da fala e sentiam-se mais seguros em comunicarem-se através do inglês.

Após toda essa interação, separamos o verbo e os pronomes pessoas e explicamos o seu significados e usos:

EXEMPLO 3

I AM	IT IS
YOU ARE	WE ARE
HE IS	YOU ARE
SHE IS	THEY ARE

Eles puderam perceber que usaram estes pronomes e verbos na frase, obtendo assim uma maior compressão prática, entendendo de fato o uso da gramática para a comunicação. Este trabalho portanto pode ser resumido como a prática da oralidade, interação, socialização e por último a estruturação de frases e, a criação de outras. Finalmente algumas regras gramaticas eram explicadas: artigos, pronomes possessivos, pessoais:

EXEMPLO 4

I	MY	MEU/MINHA
YOU	YOUR	SEU/SUA
HE IS	HIS	DELE
SHE IS	HER	DELA

No exemplo acima, sem a compressão do uso, sem a prática diária da linguagem, esses pronomes possessivos tornam-se desconectados da linguagem, restando apenas a tradução e a regra gramatical pelo uso da escrita. Utilizando a oralidade inicialmente podemos chegar por um caminho menos árduo e mais dinâmico usufruindo os processos vivos da linguagem.

Desta forma podemos afirmar que é possível não só ensinar inglês na EJA, como incentivar o aluno a falar e a ouvir a língua inglesa. Assim através desta experiência, as estruturas das frases e até mesmo as regras e modelos gramaticais tornam-se ferramentas fundamentais para ensinar. Conseguimos compreender a importância dos processos orais em uma língua estrangeira, no caso do inglês, na modalidade de Jovens e Adultos e despertar a confiança e o uso da língua através destas habilidades orais.



RESULTADOS: MOTIVAÇÃO E INSERÇÃO NA LÍNGUA

Os resultados da utilização da dinâmica da língua através das habilidades orais foram imediatas. Mesmo alunos que mantinham-se silenciosos, ouviam e tentavam praticar de alguma forma, após um tempo, a comunicação nesta língua estrangeira. Observamos os dois lados de uma linguagem: o seu lado estrutural e o seu lado dinâmico, prático e comunicativo que muitas vezes, pela ausência de um método ou até mesmo da prática dessa língua o professor sinte-se mais seguro inserir o viés gramatical e estrutural, devido ao ensino que lhe foi mostrado e os diversos fatores que arrebatam as habilidades criativas do educador.

Depois dessas aulas percebemos um aumento significativo em relação aos processos ligados a comunicação; cada estudante buscava, mesmo que sabendo apenas diálogos simples, entender e utilizar a prática, não só na sala de aula, como fora. Observamos também o crescimento da curiosidade em relação aos novos vocabulários, frases, contextos e expressões, o desenvolvimento de interações orais na sala de aula, o compartilhamento de experiências e a busca por uma melhor escuta e fala.

Entendendo a linguagem como algo vivo, a língua inglesa alcançava esses alunos da EJA primeiramente pela escuta e depois pela fala, sendo refletida na comunicação e interação na sala de aula e posteriormente em frases construídas atingindo a fala, a escuta e a escrita (*Speaking, Listening e Writing*). Em resumo identificamos uma melhora significativa em relação a língua inglesa no que tange: interesse, curiosidade, motivação, atenção, dinamismo e o posterior resultado da aprendizagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel de um professor de inglês atualmente é extremamente difícil, diante de vários métodos e as salas de aula que não apresenta recursos interativos para os alunos, colocam este educador em uma situação complicada. Através deste relato nossa função resume-se em ajudar o profissional da educação a minimizar esses problemas, usando um método simples para a abordagem da língua inglesa através do modelo referente a fala e a escuta. Este modelo não se concentra apenas no molde comunicativo, como podemos demonstrar, mas esse é o ponto de partida para inserção das estruturas de frases, verbos, vocabulário e regras gramáticas, não sendo, então, uma prática sem a teoria.

Concluimos, portanto, a partir desse relato, que as habilidades orais tem um papel fundamental nos processos educacionais, pois favorecem a troca de experiências, a interação entre professor e aluno, uma compressão melhor da realidade, a realização de uma inserção da língua inglesa na EJA, despertando a motivação para o aprofundamento do conhecimento de uma língua estrangeira.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 1988. 364p.

CONSOLO, Douglas Altamiro. Competência lingüístico-comunicativa: (re)definindo o perfil do professor de Língua Estrangeira. In: **VI CBLA Anais**, ALAB/UFMG, CD-ROM, 2002.

GARCIA, Vera C. G. **Fundamentação teórica para as perguntas primárias: O que é Matemática? Porque Ensinar? Como se ensina e como se aprende?** Apostila, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. São Paulo: Parábola, 2014. 216 p

SILVA, Alice Lima da. **A construção do conhecimento nos encontros de conversação da monitoria do curso de Letras**. Disponível em: <<http://www.ic-ufu.org/anaisufu2008/PDF/IC2008-0518.PDF>> Acesso em: 24 de Julho

WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Tradução José Carlos P. de Almeida Filho. Campinas, SP: Pontes, 1991.